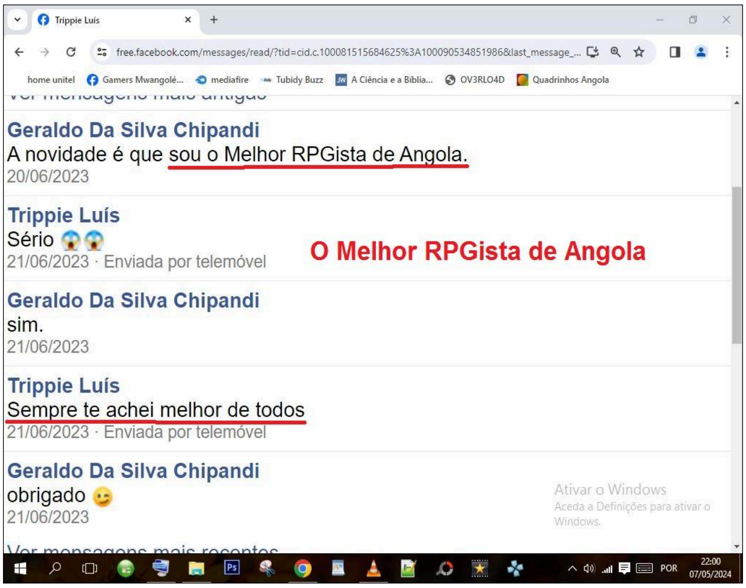
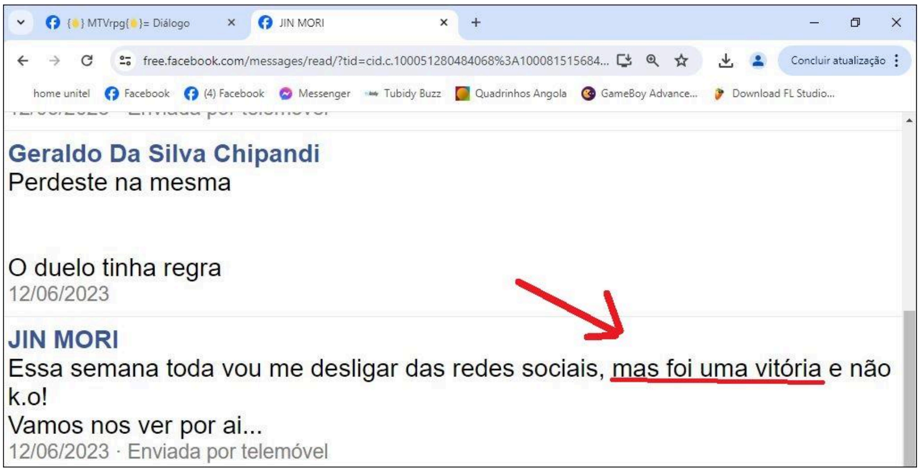
O deus do RPG Textual: Confissões de um Ego em Ebulição

Durante muito tempo, eu acreditei — com convicção — que era **o melhor jogador de RPG Textual do mundo**. A razão era simples: eu não perdia. Nem em confrontos diretos, nem mesmo em desvantagem numérica. Em batalhas 1x2, sozinho contra dois oponentes, eu ainda saía vitorioso. Havia ocasiões em que cometia erros táticos evidentes, mas, ironicamente, até esses tropeços acabavam conduzindo à vitória. Era como se minha própria falha jogasse a meu favor — e isso alimentava algo profundo dentro de mim.

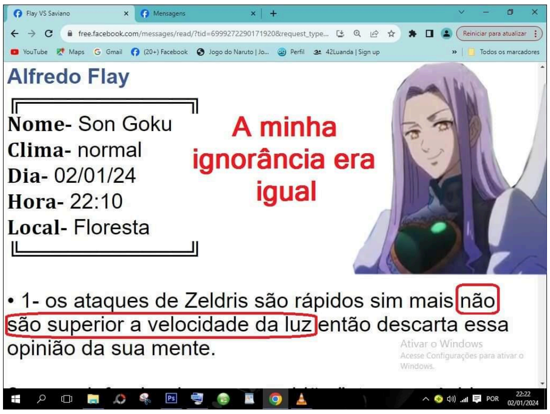
O conhecimento que eu tinha sobre mim mesmo — meus traços de personalidade, meus desejos, convicções e maneira de pensar — aliado ao domínio sobre minhas habilidades e a leitura aguçada do "mundo do jogo", me forneciam uma vantagem rara. As minhas conquistas, sobretudo aquelas que antes pareciam impossíveis, **serviram como combustível para o meu ego**. E esse ego, inflado e reluzente, evoluiu para algo mais: arrogância, exibicionismo e uma confiança orgulhosa que me colocava, em minha mente, acima de todos os jogadores de RPG Textual de Angola.



Eu era, sem exagero, profundamente egocêntrico. Via a mim mesmo como uma entidade singular, insubstituível. Odiava perder mais do que tudo. Cheguei a acreditar que morrer seria preferível a admitir uma derrota. E quando eu vencia, sentia uma euforia imensa, uma realização quase física, quase carnal.



A vitória se tornou um vício. Eu não jogava mais pelo jogo em si, mas pelo êxtase de vencer. O prazer aumentava exponencialmente quando eu conseguia ferir o orgulho dos meus adversários. Era como atingir o clímax: eu sentia algo semelhante a um gozo ao ver o outro desmoronar. Alguns se recusavam a aceitar a derrota — e isso me agradava ainda mais. Eu preparava meus argumentos como um advogado impiedoso e aguardava, com ansiedade refinada, qualquer contra-argumento. Bastava um único erro, uma brecha, e eu pulverizava sua lógica. E fazia memes. Sempre fazia.



Proclamava em voz alta e fria: “Eu sou o deus do RPG.” E apenas isso bastava para inflamar egos frágeis e provocar fúrias silenciosas. Fiz muitos inimigos. Mas isso nunca me importou. Criar laços ou manter amizades era irrelevante. O que me interessava era brilhar — brilhar aos olhos dos outros, brilhar sobre os ombros daqueles que se dobravam diante da minha vontade. As pessoas existiam, para mim, como holofotes: me admiravam, me obedeciam ou me serviam como obstáculos a serem superados.

Até que perdi. E perdi diante de muitos. Subestimei e perdi. E mais que isso: senti que havia sido enganado, que meu oponente usou algo além do permitido. A derrota me despedaçou. Vi meu mundo simbólico, onde eu era invencível, o mais inteligente, o mais bonito e o mais capaz, ser invadido. Senti raiva, ódio.

Revi o duelo inúmeras vezes. Bati boca com o grupo inteiro. Reivindiquei, insisti que minha jogada era válida, não importava o que dissessem. Mas, por dentro, meu ego havia sido ferido. Pela primeira vez em muitos anos de supremacia, me vi obrigado a considerar uma possibilidade devastadora:

“Talvez eu não fosse o melhor jogador do mundo. Talvez... eu nem fosse o melhor do meu país..”

Esse choque de realidade, ainda que dilacerante, foi o início de uma nova consciência. Por mais que eu tentasse negar os fatos, uma verdade incômoda insistia em se impor:

“Eu ainda não sou o melhor. Ainda tenho muito a aprender.”

Aquela queda obrigou-me a olhar para dentro com uma clareza brutal. Forçou-me a enxergar falhas que antes eu ignorava — ou fingia não ver. E, ao tomar consciência delas, nasceu em mim algo novo: um desejo autêntico de ser melhor.

Ninguém precisou me dizer que eu precisava mudar. Ninguém me deu lições de moral ou palavras de incentivo. Eu mesmo decidi mudar. Porque eu me conhecia. Conhecia minhas motivações, minhas travas internas, a forma única como aprendo e como reajo. E isso, percebi depois, era uma das armas mais poderosas que eu tinha: o autoconhecimento como estratégia de ascensão.

Eu sabia onde me colocar para absorver exatamente os estímulos certos, aqueles que alimentavam o meu crescimento e me faziam refinar habilidades específicas. Eu não dependia de motivação externa. Bastava-me revisitar meus duelos antigos, sentir aquela nostalgia vívida e, a partir dela, projetar mentalmente o futuro que eu queria construir. Ao fazer uma análise honesta de mim mesmo, eu identificava onde havia evoluído — e isso me dava prazer. Um prazer que nascia, não do aplauso, mas da consciência de que eu estava em movimento, em transformação.

Eu não buscava aprovação. O que me alimentava era o impacto. A constatação silenciosa de que eu era capaz de moldar o ambiente ao meu redor.

Glossário.

- **O Ego**

A parte da mente que constrói nossa percepção do "eu", organiza nossa personalidade, toma decisões. É o centro da consciência, onde se formam nossos desejos, metas e identidade social.
Quando inflado, o ego pode cegar. Gera arrogância, orgulho, recusa de críticas e paralisa o crescimento. Um ego inchado teme o fracasso porque acredita ser perfeito.
Mas, quando saudável, o ego é a força que nos empurra a ser melhores. É ele que nos levanta após a queda, que transforma dor em motivação e desejo em meta. Um ego forte busca autoaperfeiçoamento. Aceita a dor da crítica como ferramenta de lapidação.